



Angrajazz 2022

Preto no branco – muitas certezas, crescentes dúvidas

Totalista das 23 edições do Angrajazz e embora reformado da crítica desde 2002 nem por isso me demiti do papel de espectador – já não impresso mas para sempre impressionável, impressionado, ou até impressionista, conforme a(s) vida(s) acontecida(s) em palco.

2022 valeu leque alargado de emoções. A começar pela primeira – a de estar presente em mais uma edição. Uma alegria com algumas nuvens sobre o canal.

À medida que o Festival deixou de gatinhar para se erguer e poder começar a correr e a saltar, conforme as necessidades, esperava-se que quem de direito lhe manifestasse e proporcionasse a exigível e merecida estabilidade – antecâmara da solidez indispensável a um projecto desta natureza – sem preocupações financeiras ou logísticas.

O actual enquadramento legal do Angrajazz, sujeito à apresentação de candidatura anual capaz de “merecer” os apoios da Direcção Regional dos Assuntos Culturais não seria, em si, um problema: a obra feita ao longo das suas duas décadas curriculares dispensa grandes argumentações justificativas. Mas – há sempre muitos *mas* no mundo nacional do jazz – progressivamente a realidade tem usado máscaras surrealistas (sem ofensa aos surrealistas). Há dois anos, salvo erro, a candidatura do Angrajazz ficou em primeiro lugar, com pontuação máxima (ou muito próxima) nos vários itens. Mas a tabuada da administração regional não deve gozar de boa saúde: com avaliação particularmente elevada, o festival viu ser-lhe reduzido o apoio oficial da Direcção Regional dos Assuntos Culturais (integrada na Secretaria Regional da Educação e Cultura) em montante muito significativo em relação à verba atribuída na edição precedente.

A perplexidade só foi desfeita após recurso apresentado pela Associação Cultural Angrajazz, levando o júri das candidaturas a retroceder, deliberando pela manutenção do valor do subsídio de 2019.

Em 2022 repetiu-se o filme: às renovadas classificações máximas (ou quase) correspondeu idêntica tabuada, com idêntico corte face ao subsídio atribuído à edição de 2020 (em 2021 a pandemia inviabilizou a realização do festival). Novo recurso e nova marcha-atrás do júri, com reposição do mesmo valor do ano anterior.

O que espanta nesta história? Tudo e mais alguma coisa. A começar pela absoluta falta de credibilidade de um júri que em dois anos consecutivos recua nas suas deliberações, assim procurando remendar o escândalo das primeiras decisões; a impunidade dos autores de procedimentos administrativos deste jaez; a inconsciência com que é tratada uma das mais importantes datas (se não a mais importante) da agenda cultural da Terceira (em especial) e dos Açores (em geral); a insensibilidade com que, ano após ano, o montante global dos apoios financeiros (públicos e privados) vem diminuindo – não esquecendo que a manutenção dos mesmos valores equivale, necessariamente, a uma redução (exercício útil seria a divulgação da evolução anual do total dos apoios atribuídos ao Angrajazz).

Acrescente-se que o Angrajazz recebe regularmente um subsídio da Direcção Regional de Turismo (integrada na Secretaria Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas). Apoio esse que, segundo consta, é maior do que o da Direcção Regional da Cultura... Um retrato eloquente do facto de o Governo Regional encarar o Festival mais como uma iniciativa turística de que uma actividade cultural!!!

Razões mais do que suficientes para, pela primeira vez, a Associação Angrajazz ter dado conta publicamente, no programa deste ano, do rol das dificuldades encontradas, designadamente “o facto de os

apoios não aumentarem há mais de uma década” ou de só terem conhecimento dos montantes atribuídos “a menos de três semanas do início do Festival”. Para concluir, preto no branco, que os factos enumerados “põem em causa o futuro do festival Angrajazz, mas certamente também de outros eventos culturais regionais”.

E, por agora, fiquemos por aqui, deixando de lado o desgaste de tempo e paciência imposto pelos infinitos labirintos burocráticos em que vive a Administração aos responsáveis da Associação Angrajazz. Responsáveis que, lembre-se, organizam o festival desde a primeira edição, em 1999, em regime *pro bono* – isto é, *à borla*, caso os membros do júri desconheçam o significado da expressão...

Com a primeira noite do Festival (6 de Outubro) a mudança da nebulosidade dos bastidores deu lugar à transparência do palco.

No papel, o cartaz do 23º Angrajazz anunciava uma das edições esteticamente mais pluralistas e diversificadas: da genealogia das big bands (Orquestra Angrajazz) às memórias de New Orleans (Joe Dyson Quintet), das arquitecturas e influências cruzadas do jazz e da música erudita (Pedro Moreira Sax Ensemble) às mais negras tradições do jazz vocal (Samara Joy), da(s) identidade(s) europeia(s) do hard bop (Belmondo Quintet) ao caleidoscópio sonoro das Américas (William Klein y Los Guachos).

Mas nem tudo correu como previsto – ou não estivéssemos num festival de jazz...

New Orleans esteve mais ausente do que presente. Joe Dyson (um líder excessivamente egocêntrico, no espaço musical e na aritmética e geografia cenográficas) manteve as suas raízes da Louisiana demasiado ocultas, apenas afloradas, pontualmente, no eco das paradas das brass bands – quando a memória dos Jazz Messengers se insinuou em pequenos parêntesis – ou em breves aparições da contagiante soul das igrejas negras, embora o recurso a alguns excertos (mal) gravados de sermões do seu pai, o Reverendo Dr. J. C. Dyson, não tenham cumprido a função desejada. (Aliás, o recurso à utilização de gravações, históricas ou meramente circunstanciais, a que tenho assistido em concertos recentes não evita, frequentemente, um fatal paradoxo: a deficiente legibilidade dos registos anula o efeito pretendido – se a mensagem é importante, há que compreendê-la; de outra forma esgota-se no papel menor de inútil adereço de cena.)

Dyson desimpressionou pelo excesso discursivo, *maxime* nas longas introduções *ad lib*, num processo repetitivo de rampa de lançamento para os solistas do quinteto, com destaque para a presença dos sopros (Stephen Lands, trompete, e Stephen Gladney, sax tenor). Anunciado como ponta-de-lança de uma nova geração em ascensão, Dyson promete mas (ainda) não (me) convenceu. A maturidade pode estar ao alcance da mão. Mas há que esperar para ver.

A surpresa da chamada ao palco, pelo próprio Dyson, de Ricardo Toscano, para se juntar à banda foi simpática (e provavelmente sincera, depois de na véspera o ter visto tocar numa sessão do Jazz na Rua) mas não foi acontecimento marcante. Ao entregar-lhe logo o primeiro solo (a que se seguiu o do tenor), Dyson reduziu a capacidade do sax alto entrar melhor no espírito & corpo da música. Sem surpresa, Toscano cumpriu – mas sem assinar momento memorável.

Antes de Joe Dyson, a Orquestra Angrajazz protagonizou um dos seus concertos mais importantes no âmbito do Festival. Um dos mais importantes – mas não um dos melhores, o que não é, obviamente, contraditório – porque um dos mais pedagógicos (atrevo-me a dizer que para os seus membros e para o público) a que lhe assisti. Em noite de maestro único (com Claus Nymark integrado na secção dos trombones), Pedro Moreira lembrou que aquele era um concerto duplamente “diferente”: pela ausência do habitual convidado “de peso” e pelo repertório escolhido.

Enganou-se quem pensou que, desta vez, a Orquestra não iria apresentar um concerto “conceptual”. Pelo contrário, esta foi uma noite sujeita a mote. E que mote! – a demonstração de como um repertório clássico (historicamente centrado em pequenas formações – quarteto, quinteto, sexteto), pode “reincarnar”, graças

ao trabalho (tantas vezes pouco mais do que clandestino) de arranjadores capazes de “alargar” as pautas originais para a dimensão de um grande colectivo.

A lista de temas e compositores foi um verdadeiro who’s who de uma das épocas douradas da história do jazz: *Killer Joe* (1960), *Along came Betty* (1958), *Whisper not* (1956) (Benny Golson), *Doxy* (1954) (Sonny Rollins), *The sidewinder* (1963) (Lee Morgan), *Bye bye blackbird* (1926) (Ray Henderson), *Dat dere* (1960) (Bobby Timmons), *Cheesecake* (1964) (Dexter Gordon) e *Woody’ n’ you* (1942) (Dizzy Gillespie). Nove clássicos transpostos (de forma académica, eficaz embora sem golpes de asa) para a geografia das big bands, sublinhando uma realidade essencial ao desenvolvimento da história do jazz mas amplamente desconhecida das grandes plateias: a importância do papel dos arranjadores, essa espécie de “compositores fantasmas” tantas vezes alvo de entusiásticos aplausos mas cujos nomes raramente escapam ao anonimato.

Fatalidade que, inexplicável e paradoxalmente, também não evitaram neste concerto, uma vez que apenas temas e autores foram expressamente identificados. Injustiça maior que modestamente aqui se tenta minorar com a enumeração dos devidos créditos: John Higgins (*Killer Joe*, *Along came Betty*), Mark Taylor (*Doxy*, *The sidewinder*, *Woody’ n’ you*), Michael Abene (*Whisper not*), Claus Nymark (*Bye bye blackbird*), Erik Morales (*Dat dere*) e Rick Stitzel (*Cheesecake*). Nomeá-los em palco teria sido o corolário lógico da dimensão pedagógica inerente à actuação da própria Orquestra.

Ano após ano, passo a passo, a Orquestra Angrajazz – projecto inédito no jazz nacional – continua a fazer o seu caminho, pedregoso e escorregadio como uma levada, procurando colmatar as adversidades da insularidade do meio ambiente e curar fraquezas próprias. Pedro Moreira lembrou-o bem e sublinhou-o incisivamente. Apoiá-la é um dever público. E do público do Angrajazz (mas não só).

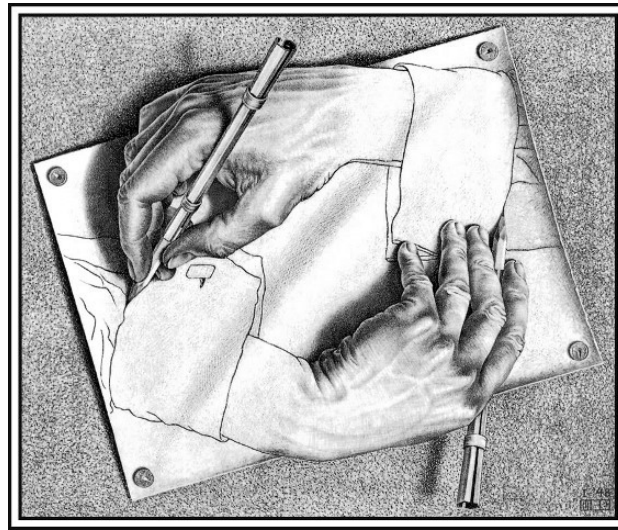
Dia 7 foi noite de lua cheia. Pedro Moreira Sax Ensemble e Samara Joy protagonizaram a ambicionada diversidade estética do cartaz da 23ª edição do Festival.

De Samara ficou a certeza convicta de um futuro já presente. A história mora-lhe na voz: Sarah, Carmen, Ella, Betty, Abbey não são apenas nomes ouvidos mas vividos, correm-lhe no sangue, fazem-na crescer. Como o fazem também a ousadia de cantar Fats Navarro e Thelonious Monk. Excelente no controlo técnico do instrumento vocal e perfeita na dicção (um bem em via de extinção em muita garganta que por aí anda), Samara não evita, ainda, algumas tentações (infantis) de agradar ao público pelo lado de fora, como se o canto não bastasse para fazê-lo por dentro. Elogiar a terra e o público não é pecado, mas não será virtude; insistir, para conquistar uma plateia já conquistada, em fazê-la cantar com ela não é mais-valia, apenas cansa e distrai. Não esqueço que já vi e ouvi nomes maiores tentarem o mesmo – mas dos mestres não devemos perseguir apenas as grandezas, também importa aprender erros e infelicidades (de que o blues das “cracas e lapas”, de Gary Smulyan, será sempre um exemplo emblemático...).

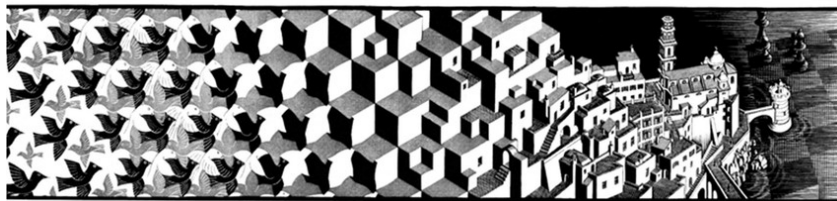
Noutro tempo & noutro modo, Samara lembrou, naquele mesmo palco, a Cécile McLorin Salvant de 2013 que, num par de anos, conquistou o universo. Por outros caminhos, Samara pode seguir-lhe os passos. Confundir-lhes a identidade será um absurdo, mas reconhecer que ambas são habitadas pela essência do jazz – esse body & soul tão palpável mas indefinível como o swing – será uma evidência.

Pedro Moreira e o seu Sax Ensemble deixaram-nos uma dívida de gratidão. Que me lembre, *Two Maybe More* é um projecto inédito em Portugal, em boa hora ouvido no palco do Angrajazz.

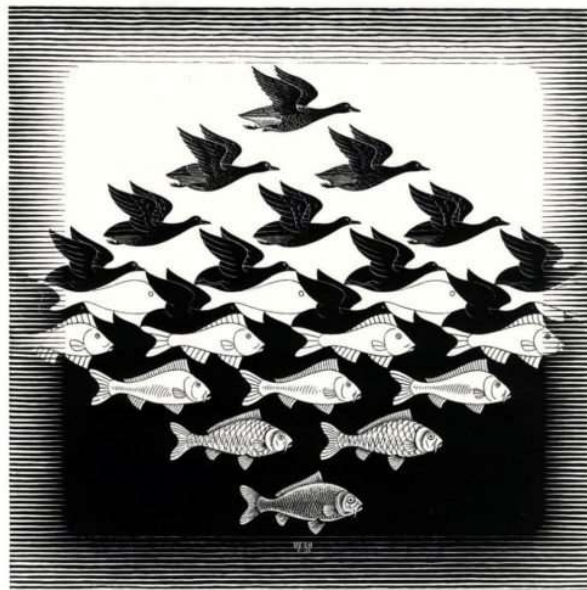
Na sua criatividade espacial, na mobilidade e imbricação dos labirintos, na geografia das coreografias, na verticalidade e contraponto das aritméticas e associações tímbricas, na tabuada volátil das solidariedades solistas – surpreendi-me ouvindo nas pautas de Pedro Moreira (e fora delas) as singulares gravuras do holandês Escher (1898-1972).



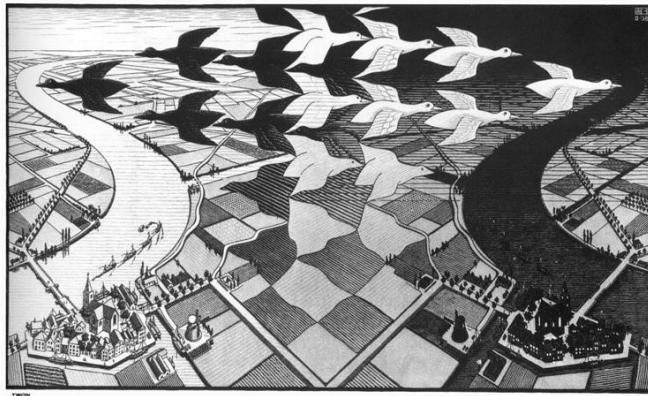
Drawing hands (1948)



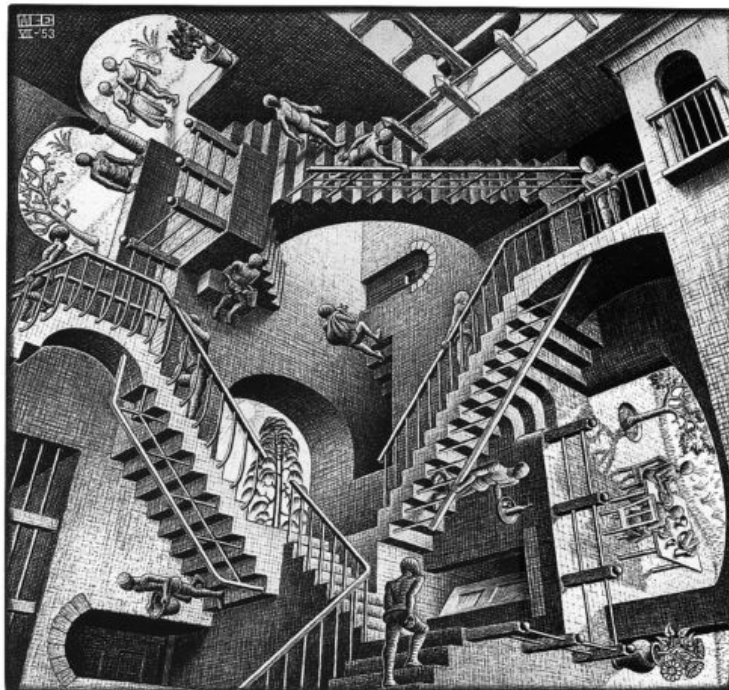
Metamorphose II (detalhe – 1939-1940)



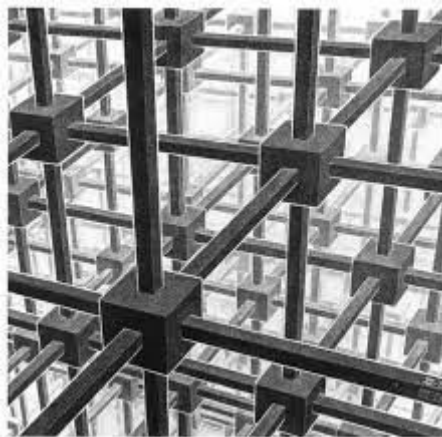
Sky and Water I (1938)



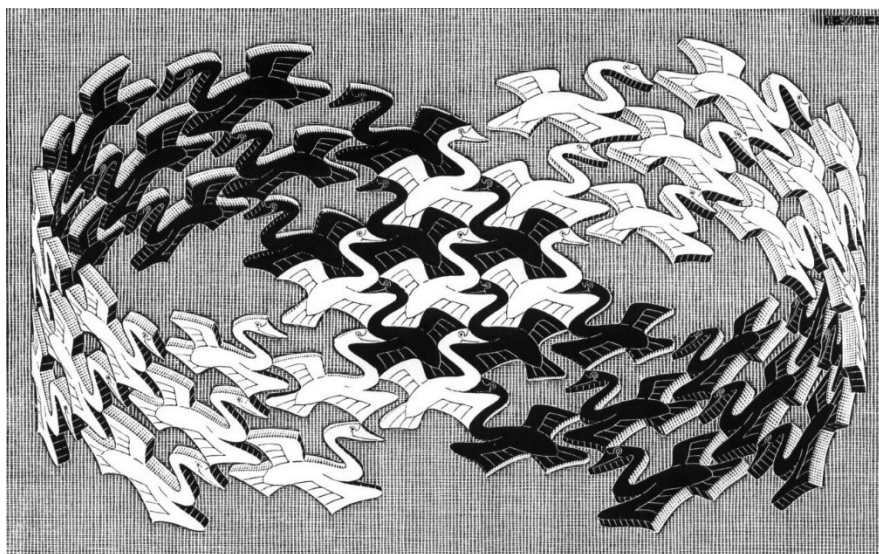
Day and Night (1938)



Relativity (1953)



Cubic Space Division (1952)



Swans (1958)

Na sua simetria musical, assimétrica, o Sax Ensemble (ou sax collective) reunido por Pedro Moreira ocupou o palco como se de um workshop se tratasse, laboratório final em contínua evolução experimental. Se o decurso do tempo – em especial nos fragmentos solísticos – nos habituou a adivinhar compassos seguintes, nem por isso a surpresa da música nos desabituou.

Se o jazz português contemporâneo passa, necessariamente, por *Two Maybe More*, para a plateia da segunda noite do festival o Angrajazz foi, mais uma vez, um palco de revelação.

A que gostaria de juntar um outro aplauso, igualmente devido ao Angrajazz, para a (quase) “ressurreição” de Mário Franco, um músico maior que as memórias nacionais usam esquecer ou (pior ainda) ignorar. Sem o seu contrabaixo e a bateria de Luís Candeias (outro “renascimento” que terá surpreendido os mais desatentos), *Two Maybe More* corria o risco de transfigurar-se num *Two Maybe Less*...

Prometia noite intensa o cartaz final. Acabou intensa mas começou do avesso. Ancorados no seu prestígio nacional e internacional, os irmãos Belmondo (Stéphane, trompete, e Lionel, sax tenor e flauta) malferiram-no em cena. Com Stéphane feito mestre de cerimónias, a noite cambaleou cedo. Se Lionel repetiu o mesmo solo tema-a-tema – com o tenor prisioneiro de um sempre previsível baloiço dos tempos, de mini-clímaxes para enseadas de águas repousadas – o discurso de Stéphane, líquido, anódino e de um condescendente paternalismo, cansou-se e cansou-nos rapidamente. Irrelevante como instrumentista, investiu no modo como chamava as palmas para cada solista, endeusando Marc Miralta, músico de mão cheia mas que, com todos os holofotes sobre si e talvez tentando evitar o naufrágio, abusou do tempo e do modo, fazendo das baquetas uma metralhadora e de cada tambor uma granada. Um baterista que transpirou mais do que inspirou. Pena que Angra não tivesse reencontrado (13 anos depois) o verdadeiro Miralta.

Tudo mudou, para bem de todos, com Guillermo Klein y los Guachos. Quando o colectivo instrumental de onze vozes dançou, abraçado, um tango de Gardel (*Melodía de Arrabal*), 2022 piscou o olho à história do Angrajazz (como Samara e Pedro Moreira já haviam feito).

A música de Los Guachos transpira Américas, à revelia de fronteiras de géneros e sonoridades geográficas, entre tangos de Buenos Aires e memórias de Gil Evans (*Burrito Hill*).

Maioritariamente ancorado na Argentina natal (Diego Urcola, Richard Nant, Fernando Huergo, Sandro Tomasi), Klein não abre mão dos seus cúmplices norte-americanos (Bill McHenry, Chris Cheek, Taylor Haskins, Jeff Ballard) e muito menos abdica do insubstituível Miguel Zenón (Porto Rico), deixando o continente europeu às cordas de Wolfgang Muthspiel (depois de Zawinul, o músico mais negro da Áustria, quem adivinharia guitarrista austríaco enredado nas seduçãoes tangueras e milongas?). E é deste mosaico improvável e imperfeito que nasce um concerto solarengo, quase perfeito, a que algumas monotonias rítmicas e melódicas, aqui e ali, não fizeram sombra de maior.

Mais prejudicada ficou a plateia, incapaz, por um erro logístico, de ver todos os músicos em palco. Aquilo de que ninguém se lembraria – pôr a Orquestra Angrajazz toda no mesmo plano, em filas sucessivas – aconteceu com Guillermo Klein. Uma hora depois, ainda havia quem não fosse capaz de reconhecer um Jeff Ballard toda a noite enterrado no fundo do palco... Como se aos nossos olhos estivesse vedada a partilha do prazer que os ouvidos gozavam...ou como se os Guachos não merecessem retrato de corpo inteiro...

Seis concertos depois, o Angrajazz 2022 foi de radiografia fácil mas inquietante: muitas certezas em palco, crescentes dúvidas nos bastidores.

António Curvelo / Novembro 2022